



CARRIS-LITTERARIOS

(TRACÇÃO ESCRITA—NOVO SYSTEMA DE TRANSPORTES)

SOB A DIRECÇÃO DE TRES ENGENHEIROS HYPOTHETICOS EM UM SO' FALSIFICADO
Viagens pilbericas, recreativas e humoristicas

TRAJECTO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE BAPTISTA NUNES

SEMESTRE. . 2\$000

Cæsari quod Cæsari

BITOLA ESTREITA

Ridendo castigat mores

DESVIO

ESCRITORIO DA COMPANHIA



ICARRIS-LITTERARIOS

Semestre . 2\$000
Com porte. 2\$500

Assigna-se na typ. do
Vassourense, — Vassouras

Pagamento adiantado

NO PORTAL

Baptista Nunes continúa a ser o unico responsavel de todos os enfeites criticos que ornão os nossos carros, e muito principalmente daquelles que trazem os pseudonymos: JOHN BAPTATIS, BATON NESUN e JONJOCA BORE', dignos rebentos do seu não menos digno tronco.

VIA-DIRECTORA

O DITO POR NÃO DITO

A pedido de diversas familias, (chapa n. 3,333) deliberamos **não** suspender as nossas apraziveis viagens, conforme declaramos no nosso carro n. 47, e **sim** publicar o nome dos passageiros que se achão em atraso com esta empresa, causa principal do desgosto que iamos dando aos nossos pontuaes viajantes.

Quem não quizer passar por esse dissabor, queira vir até o dia 30 do corrente, quitar-se connosco.

Com o numero proximo principiamos o 2º semestre deste anno.

Os passageiros que quizerem continuar a embarcar nos *Carris-Litterarios*, vão botando no fundo do bahu uma cedula de 2\$000, para com ella mimoseiar-nos quando lhes apresentarmos o competente recibo.

Esperamos merecer a mesma protecção que até aqui nos têm dispensado os srs. viajantes e pedimos-lhes que qualquer falta de regularidade havida na entrega destes carros, hajão de reclamar a esta empresa.—

Os tres.

VIA-LOCAL

Acha-se gravemente enferma uma filhinha do sr. dr. Zamith.

Fazemos voto pelo seu restabelecimento.

PEDE O GULOSO...

Comquanto seja costume em quasi toda a parte o annunciar-se a hora de recolher por meio de um sino a dobrar, não nos podemos acostumar ao nosso, (referimo-nos ao sino) visto ser o mesmo que dobra a finados.

O dobre por qualquer individuo que morre já é um habito que devia ser abolido, pois denota falta de caridade com as pessoas gravemente enfermas, cujo badalar impressiona ainda mais do que o seu estado o permite.

E' um egoismo mal entendido: prestar homenagem tão bulhenta a quem nada mais precisa deste mundo com prejuizo dos que padecem; mas emfim, como é habito enraizado...

Não está, porém, no mesmo caso o dobre das dez horas; para esse ha remedio, e o sr. dr. delegado de policia se quizer, póde applical-o, livrando-nos assim de ouvir todas as noites á hora de deitar, dobrar a finados.

Esse signal póde ser dado pelo sino maior que o costumado, ou pelo mesmo, mas por meio de 9 ou 10 badaladas fortes sómente. Em uma cidade pequena como esta, é o bastante para ser ouvido.

Faça-nos este obsequio o sr. dr. delegado de policia, e afiançamos-lhe que muita gente o applaudirá.

&

Acha-se nesta cidade uma companhia dramatica que pretende dar alguns espectaculos no theatro que bem se póde chamar— Vergonha vassourense.

Que não nos julgue pelo mesmo, e que seja recompensada do sacrificio que faz, trabalhando em theatro tão *chue*, é o que desejamos.

&

Desde que abrimos o nosso escriptorio até que o fechamos somos inundados de interrogações!

Velhos, moços, senhoras, crianças se succedem a perguntar-nos qual o dia da inauguração da ferro-via vas-sourense.

Por mais que o *John* declare nada termos com isso, é debalde; as perguntas chovem sem cessar, e só se ouve:

— Sr. *John*, quando é a inauguração?

— Sr. *Jonjoca*, a inauguração faz-se, ou não?

— Sr. *Baton*, ha festança, ou é a capucha, a inauguração?

O *John godemeia*, o *Jonjoca* pragueja, e, caso estupendo! o *Baton* foge ás *cacetadas*!

Que secca! Dirijão-se á Companhia, a unica que os póde satisfazer.

&

A falta d'agua continúa a sentir-se em diversas casas.

Chamamos a attenção do Altissimo com sua bomba celeste.

VIA-POETICA



BELLEZA ANTIGA

*... mais quel cil peut la voir
Sans petiller d'amour, de jeunesse, d'espoir?*

ANDRÉ CHENIER.

Eu te saúdo, ó genio da belleza!
O' formosa mulher encantadora!
Tu és entre as mulheres a princeza,
Nenhuma é como tu tão tentadora!

E' tão esplendorosa e seductora
A tua formosura e gentileza,
Que a nossa phantasia sonhadora
Cae sob o peso de uma tal grandeza!

Ao ver-te, a multidão cheia de pasmo,
N'um mar de acclamações, d'entusiasmo,
Segue teus passos, ó mulher divina!

E chega aos teus ouvidos, á surdina,
O borborinho de milhares d'almas
Que vêm-te a fronte coroar de palmas!

JORGE PINTO.

UM POEMA

O céu é um poema escripto
Com caracteres de luz!
Ha nesse azul de granito
Letras que ninguem traduz!

Quanto mysterio e belleza
Nessas estrellas divinas!
Só Deus em sua grandeza
Faz obras tão peregrinas!

Em ampla téla azulada,
Como obra prima do céu,
Venus de luz inundada,
Mostra-se núa, sem véo!

Campêa silenciosa,
Com venus bella a seu lado,
A lua sempre formosa,
N'um céu de anil estrellado!

A' noite, o céu com seu manto
Luzente de pedrarias,
Tem a magia, o encanto
Das cordiaes alegrias!

E Deus, o divino Autor,
Ahi no céu se revela:
Quer desse manto na côr,
Quer no brilhar d'uma estrella!

DR. A. C. DE MACEDO.

Junho de 1884.

VIA-RECREATIVA



LOLA

(OUTRO FRAGMENTO DA CARTEIRA DE
UM POETA LYRICO)

Ahi vão algumas opiniões que eu
gostosamente registro no meu *car-
net* de impressões de humilde enthu-
siasta do bello:

* * *

« O seu halito envenena, o seu
olhar abate, o seu sorriso é percu-
ciantes como a ponta aguda de um
estilete.

Amigo da mocidade como sou, e
não desejando que ella se perca e
não cumpra os seus deveres, vejo-me
obrigado a formular, qualquer dia,
contra ella, um tremendo libello
acusatorio. Farei bem?

A. F.

* * *

« Ao ver-lhe o busto esplendoro-
samente formoso minh'alma banha-
se em cascatas de luz e sinto-me o
poeta de outr'ora. Eu, que já pedi
beijos á *Tuquita*, contento-me em
supplicar a ella um só dos seus sor-
risos: »

L.

* * *

« Ao devisar aquelle rosto seductor
e faceiro, sinto impetos de despir
o meu immenso *croiset* e vestir um
curto e elegante *frak* inglez. »

F. S.

* * *

« Eu que vivo a escrever pilherias
para summo gaudio da burguezia e
que cubro-me com uma cartola, o
mais afilado canudo conhecido e por
conhecer, ao enfrentar-me com ella,
far-me-hia poeta chora-mingas para
mendigar-lhe a esmola de um olhar
e aposentava a cartola por um ele-
gante chapéo baixo. »

B. N.

* * *

« Um só dos seus sorrisos tem
muito maior valor que a virtude
ante-darthrosa da suma, da salsa,
ou da japecanga. »

J. S.

* * *

« Essa mulher tem muito mais viço
e frescor do que aquella rosa des-
cripta por Chenedollé! »

R.

* * *

« Eu que vivo a adorar a Repu-
blica e o Jorge Pinto e a espetar a
Monarchia nos bicos da minha penna,
ao ver esse porte divinal, explen-
doroso e bello, sinto impetos de en-
caixal-os em meia duzia de sinetos
e de impingir-lhe outra tanta quan-
tidade de synonymos. »

C. de M.

* * *

« Eu, que sou *urubú-rei* entre os
liberaes, por pedido seu far-me-ia até
cabula dos conservadores. »

C.

* * *

« Nós, cuja fama de tremendos e
endurecidos *cacetes* já tem percorrido
Secca e Meca e Olivaes de Santarém,
ao recebermos os raios luminosos do
seu olhar, nos metamorphoseamos
em dous molles tallos de couve. »

C. B. e J. de S.

* * *

« Só para conquistar-lhe um sorriso eu era capaz de ir á pé duas vezes n'um dia a Sacra-Família. »

A. L.

Está conforme.

PULCINO.

— :: —

OUTR'ORA E HOJE

N'outras eras, nos tempos já passados,
Os costumes e leis erão differentes;
Pergaminhos e honras de valent-s
Erão sempre com honra conquistados.
Se bandidos havia, erão julgados
Por juizes honestos e prudentes.
Votavão-n'os á cruz, e a turba, as gentes,
Lá os vião na cruz dependurados.
Hoje, porém, no seculo das luzes,
Ao merito real dá-se o desprezo
E aos bandidos nomeia-se barões.
Os ladrões era infame ver nas cruzes;
Mas é mais nobre, agora, e de mais peso
Ver as cruzes no peito dos ladrões.

AMBROSIO PASMADO.

— :: —

LUCILIA

(CATULLE MENDÉS)

Eu estava a procurar o ultimo verso de uma canção; aquella que me inspirava então, era Lucilia! A alma sonhadora e com a bocca entreaberta, eu pensava muito mais na musa que no poema, muito mais em Lucilia que na canção.

Clic! clac! eu reconheci seu passo, flou! flou! e o ruido de seu vestido. Ella entra toda perfumosa. Que fazias tu, caro amor?—Eu estava a procurar o ultimo verso d'uma canção.

Depois que assim fallei, eu senti sobre a minha fronte a frescura de seus labios escarlates, iguaes á neve que fosse vermelha; e, subitamente, o meu poema estava acabado, porque quem me inspirava então, era Lucilia!

« Tu me amas? » murmurei, e, ao mesmo tempo, eu mordicava a rosea unha de seu niveo pollegar. « Não te amo mais, » disse-me ella, sem rodeio. A esta resposta, eu fiquei sem voz, a alma sonhadora e com a bocca entreaberta.

Clic! clac! Flou! flou! Lucilia tinha partido! Para esquecel-a, quiz fazer verso; mas não pude porque uma grande melancolia estrangulava-me a alma, e eu pensava muito mais na musa que no poema, muito mais em Lucilia que na canção!

J. P.

A MULHER

A' BAPTISTA NUNES

Minhas queridas leitoras:— Estimarei que estas toscas palavras as encontrem embaladas pelos zephiros, e haurindo o mellifluo perfume das rosas que ornão os jardins da poetiva cidade de Vassouras!

Ha seis annos minhas leitoras, que tenho visto cahir em volta de mim porções bem caras á minh'alma; porém, soffro e estou soffrendo resignado.

« Não sou forte em elegias, nem costume pulsar a lyra á sombra esguia dos funeraes cyprestes como fazem alguns poetas nossos conhecidos; não, tenho a morte no coração e todos me vêem a alegria nos olhos. »

Porém, hoje descrevendo a mulher, duas lagrimas silenciosas se me deslizam pelas faces, lembrando-me de minha mãe, que muitas vezes ao beijar-me dizia—filho—eu estendendo-lhe meus deleis braços balbuciava—mãe!

Ah! a mulher é um anjo de amor e de bondade que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na téla da vida; a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde ponzamos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enchuga as lagrimas corrosivas do desespero nas horas do soffrimento, que nos alivia as magoas, e redobra os nossos prazeres compartilhando-os connosco!

Glorioso é o quadro da família christã, e nessa téla a explendor sombras e luzes, destaca-se a mulher, esse ente fraco, porém sensível.

Sim, este ente que nos parece fraco resiste intrepido ás seducções do torpe mundo, e transmite a seus filhos o thesouro que lhe confiou o esposo—a honra, e livra-os dessa vereda maldicta da vida, onde brota de continuo espinhos que lhes dilacerão o coração.

Ella agradece o pesadissimo onus que o sacramento lhe impõe; arranca-se com o coração tranzido de saudades dos braços de sua mãe, para mais tarde em indisivel extases agradecer ao creador o filho que concebeu suas entranhas, e ahi, com um amor grande como infinito, beija-o a lhe dizer—filho—e depois, quanta ternura, dedicação, sacrificio, vigilancia, abnegação, fragando-se com o doce balbuciar do infante que a estender-lhe os bracinhos diz-lhe—mãe!

As lagrimas de uma mãe são dignas de ser, em celestes vasos, aparadas pelos anjos!

Mais tarde (por exemplo) quando a virgem pallida, de funebre manto com seu sopro gelido, rouba-lhe no esposo parte de si mesmo, e o faz tombar no leito frio e dormir o sono que não tem despertar, ahi onde findão grandezas ephemerass, ahi, tumulto que encerra o pó que já foi vida, eis a pobre mãe e esposa trespassada pela mais cruenta afflicção d'alma.

A mudez do sepulchro não advinha os segredos da eternidade, porém manda ás estrellas que equilibram-se no espaço, no azul do firmamento, uma muda interrogação, emquanto a lagrima, esse sôro do coração da esposa, rega a flor, o funebre ornato da triste campã.

Vem o esquecimento, morte real que apaga do livro dos vivos mais um nome, porém ella não se esquece; conserva tudo nessa urna viva que se chama coração de esposa!

Mulher, palavra mystica que diz tudo quanto ha de grande, humano e divino;—amor, amizade, dedicação e caridade.

Tire-se ao homem, esse rei da natureza, a mãe, esposa, irmã, ou filha o que lhe fica? Desertos aridos onde não murmurão limpidas fontes, onde não perpassão auras ligeiras, e onde fogem bellos sentimentos com que Deos lhe enfeitou a alma!

Queridas leitoras, se eu fôra poeta entoava um hynno á mulher, não sou; mas direi: salve mulher, salve, magico espelho a reflectir bellezas lá do céo, doce luz a guiar o peregrino da vida, ilha verdejante a offerecer sombras e repouso aos naufragos deste oceano de lagrimas—o mundo.

HENRIQUE TEIXEIRA.

— :: —

NO ALBUM DE UMA SENHORA

« O homem nasce, chora, mama, puxão-lhe as orelhas na escola, leva cacholetas, embação-no, casa mais embaçado fica, transforma-se em burro de carga, sustenta a família, ouve berrar os pequenos, envelhece, limpão-lhe a bocca, morre, enterrão-no, e fica de menos na sociedade um martyr e um pedaço d'asno. »

ESBOÇOS

IV

UM CATERETÊ

- Sinhá Chica, tentação,
vancê vai dansá commigo?
— Ora meu Deus, que castigo!
Seu Thomé, não quero, não.
— Fôrma gente, que o Simão
vai tocar. — Chi! que perigo!
— O Zeca fôrma comsigo?
— Silencio, povo, atenção!

E da viola um chorado
bem tremido e ponteadado,
faz-se ouvir por mão de mestre.

E um febril sapateado
rompe em honra do noivado
de Rosinha com Silvestre.

JONJOCA BORÉ.

3.º eng.º hyp.º

— «O» —

Um chefe de concelho, por conveniencia da hygiene publica, affixou na porta do cemiterio esta ordem:

« D'ora ávante só poderão enter-
rar-se aqui os mortos que vivão no
concelho. »

— :: —

O CASO DOS COMPADRES

- Comadre Euphemia, bom dia!
— Bom dia, compadre Braz!
— Que arranjos... temos folia?
— Não sabe? casa o rapaz...

— O que me conta, comadre,
pois, casa o nosso Thomaz?
— Negocios do seu compadre,
mais do sôr juiz de paz.

- Seu homem perdeu a bola...
— Lá isso—não é capaz...
— Como não? se um criança
vai casar?

— Isso o que traz?

- Traz desgraça... uma criança,
que inda não mede o que faz...
— Mas, a noiva traz *pitanga*...
— Mas, falta idade a Thomaz...

e uma criança não sabe,
não pensa...

— Compadre Braz,
se o rapaz pensar...

- Acabe...
— Não casa nunca o rapaz...

- E' como conta, comadre.
— O caso é este, compadre.

BRUNO SEABRA.

ORAÇÃO DE UM INGLEZ

« Senhor meu Jesus Christo, tu
sabes que eu possuo nove casas em
Londres e uma fazenda no condado da
Essex, preservai-as, Deus meu, de
incendios e tremores de terra. Dignai-
vos tambem olhar com olhos de
compaixão para o condado de Her-
tforsisi, onde existem alguns bens a
mim hypothecados. Enquanto aos
mais condados, onde nada possuo,
pódes fazer o que bem te parecer.

Senhor, consolidai com o teu infi-
nito poder o Banco de Inglaterra.

Inoculai no espirito dos meus cre-
dores a bondade, para que elles sejam
honrados e se compadeção de mim.

Peço-te tambem que olheis para
os meus amigos afim de não se arrui-
narem e virem depois pedir-me di-
nheiro emprestado.

Finalmente, livrai-me dos ladrões
e dos criados que têm affeição aos
bens alheios, *amen!* »

— <<<>>> —

CHARADAS, ETC.

A decifração das do n. 47, é:

*Excellent, cadeado, marmita, Sa-
lazar e Carangola.*

Para hoje temos as seguintes:



1, 1, 2—Atraz da base arde outra
vez!

(?)

ENIGMA TYPOGRAPHICO

6+5+0 500+0 Q 100+0+1000+0

VIA-PILHERICA

HISTORIA ANTIGA

xxxv

Rabelais, quando na Grecia
dizia missa aos domingos,
piscava o olho a Lucrecia,
a meiga virgem dos Gringos;
Machabeo, pai da donzella,
descobrimdo a velhacada,
deu bastante sapatada
tanto nelle como nella.

JOHN BAPTATIS

1º eng.º hyp.º



TABOLETA INDICADORA



MEDICOS

Dr. Lucindo Filho—R. do Visconde
de Araxá n. 6.

Dr. Alberto Leite—R. do Visconde de
Araxá n. 9.

Dr. Paulino G. da Costa—R. do Vis-
conde de Araxá n. 19.

Dr. Fernando Sardinha—R. do Vis-
conde de Araxá n. 18.

Dr. Joaquim C. de Figueiredo—Es-
tação de Vassouras.

Dr. Antonio C. de Macedo—Sakra-
Familia do Tinguá.

Dr. Augusto de Paiva M. Calvet—
Massambará.

PHARMACIA

Imperial Pharmacia Manso Sayão.

—J. J. Manso Sayão—R. do Barão
de Vassouras n. 57.

JUIZ MUNICIPAL

Dr. Rodolfo Leite Ribeiro—R. do Vis-
conde de Araxá n. 9.

PROMOTOR

Dr. J. de Avellar Fernandes—R.
Caetano Furquim n. 19.

ADVOGADOS

Dr. José de Paiva M. Calvet—R. Cae-
tano Furquim n. 23; das 10 às 3
horas da tarde. (Delegado.)

Dr. Alexandre R. da S. Chaves—R.
Caetano Furquim n. 21; das 10 às
3 horas da tarde.

Dr. Domingos de Almeida—R. do
Barão de Vassouras n. 17.

Dr. Jacintho P. de Almeida—R. do
Barão de Vassouras n. 17.

Dr. J. P. da Silveira Coelho—R. do
Barão de Vassouras n. 36.

D. J. R. dos Santos Zamith—R. do
Barão de Vassouras n. 13.

Dr. J. G. Ribeiro Leitão—R. do Barão
de Vassouras n. 15.

Dr. J. Thomaz de Araujo—R. do Vis-
conde de Araxá n. 16; delegado
supplente.

Dr. Americo B. da Costa Moreira—
R. do General Osorio n. 6.

SOLLICITADORES

Damaso da Fonseca Lima—R. Caeta-
no Furquim n. 1, sobrado.

Luiz José de S. Sobrinho—R. Cae-
tano Furquim n. 77.

TABELLIÃES

Francisco A. de Oliveira—R. do Ba-
rão de Vassouras n. 53.

Major R. do Espirito-Santo Fontenelle
—R. do General Osorio n. 12.

COLLECTOR

Capitão F. de Sá Carvalho—R. do
Barão do Tinguá n. 9; das 9 às 3
horas da tarde.